

SEXO SEGURO: COM A PALAVRA, PESSOAS IDOSAS QUE CONVIVEM COM HIV/AIDS¹

Alessandra Souza de Oliveira², Elaine Santos Santana³, Arianna Oliveira Santana Lopes⁴, Pollyanna Viana Lima⁵, Luciana Araujo dos Reis⁶

¹ Recorte do Projeto Matriz : Envelhecer com HIV/AIDS: Memória e Representações Sociais de Idosos que convivem com o Vírus. Pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória :Linguagem e Sociedade- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.

² Alessandra Souza de Oliveira- Aluna do Doutorado no Programa de Pós- Graduação em Memória:Linguagem e Sociedade (UESB) bahiale23@yahoo.com.br/Vitória da Conquista /Bahia/Brasil

³ Doutora pelo Programa de pós- graduação em Memória :Linguagem e Sociedade (UESB)- elaine_137@hotmail.com.Vitória da Conquista/Bahia/Brasil

⁴ Doutora em Enfermagem (UFBA) ariannasantana02@gmail.com.Vitória da Conquista/Bahia/Brasil

⁵ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Memória :Linguagem e Sociedade (UESB). polly_vi@yahoo.com.br.Vitória da Conquista/Bahia/Brasil

⁶ Pós-Doutoramento em Saúde Coletiva/UFBA-ISC Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde/UFRN-Orientadora do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade/UESB.lucianauesb@yahoo.com.br.Vitória da Conquista/Bahia/Brasil.

Resumo

Um sério problema de saúde pública se revela através do número de pessoas idosas que estão convivendo com HIV/AIDS. A representação do idoso assexuado e a falta de diálogo acerca da sexualidade destes o expõem a maior vulnerabilidade ao contágio pelo vírus. Portanto, este estudo tem por objetivo, conhecer quais orientações a pessoa idosa que convive com HIV/AIDS julga importante compartilhar com os que possuem vida sexual ativa, sem diagnóstico de HIV/AIDS. Os participantes do estudo são homens, com baixo nível instrucional e revelaram um discurso permeado pela negação da sexualidade do idoso que favorece a transmissão de ISTs além de um discurso homogêneo no que se baseia principalmente, na prevenção, por meio de orientações e práticas do sexo seguro. Dar voz a pessoa idosa, através de espaços que possibilitem o diálogo acerca da sexualidade e prevenção de IST e HIV/AIDS é sem dúvida oportunizar a expressão de quem convive com a doença de compartilhar experiências de vida acerca de aspectos relevantes como a prevenção.

Palavras-chave: Sexualidade; Envelhecimento; Educação em Saúde; Cuidados de Saúde.

Introdução

Uma epidemia silenciosa, tem sido o incremento no número de pessoas idosas que estão convivendo com HIV/AIDS. Os números são alarmantes e vem ocorrendo um crescimento no acometimento de pessoas idosas pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), agente causador da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) (TRINDADE et al., 2019). Apesar dos números crescentes divulgados anualmente por meio do Boletim Epidemiológico sobre HIV-AIDS, o cuidado a saúde da pessoa idosa por parte dos profissionais tem desconsiderado a importância de estratégias de prevenção e abordagem acerca da sexualidade destes (BRASIL, 2019).

A falta de assistência, somados a falta de informação, as crenças de imunidade ao HIV e da imunidade adquirida por meio da conjugalidade, hábito de sexo desprotegido fazem parte dos principais fatores que qualificam a pessoa idosa com vulnerabilidade ao acometimento por infecções sexualmente transmissíveis (IST), a exemplo do HIV/AIDS (DANTAS et al., 2019).

Apesar dos dados falarem a favor de medidas urgentes as campanhas de prevenção para HIV/AIDS tem como público alvo pessoas jovens, o que fortalece na pessoa idosa a falsa ideia de grupo de risco (os jovens), que os desobrigam por completo da preocupação e ocupação com medidas preventivas as IST e HIV/AIDS (CASSÉTE et al., 2016).

Neste cenário, o diagnóstico para a pessoa idosa costuma ser tardio, com complicações clínicas já instaladas ocasionando maior dificuldade de aceitação do diagnóstico e de adaptação social, emergindo sentimentos de medo, culpa, vergonha, afastamento social e solidão, impulsionando a redução de atividades sexuais para o sexo masculino, enquanto que as mulheres optam pela total abstinência sexual (ALVES; VENTURI; NETO, 2020).

Em vista disso, é de suma importância conhecer quais as orientações da pessoa idosa que convive com HIV/AIDS para os que tem vida sexual ativa e não possuem o diagnóstico, uma vez que este detém uma trajetória de vida e a sua experiência de conviver com HIV/AIDS para partilhar.

Posto isso, este estudo visa responder a seguinte questão norteadora: quais orientações a pessoa idosa que convive com HIV/AIDS julga importante compartilhar com os que possuem vida sexual ativa e não possuem diagnóstico de HIV/AIDS?

Portanto, este estudo tem por objetivo, conhecer quais orientações a pessoa idosa que convive com HIV/AIDS julga importante compartilhar com os que possuem vida sexual ativa, sem diagnóstico de HIV/AIDS.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, de caráter descritivo e natureza qualitativa, recorte do projeto matriz: Envelhecer com HIV/AIDS: Memória e Representações Sociais de Idosos que convivem com o Vírus.

A pesquisa foi desenvolvida com 18 pessoas idosas que convivem com o HIV/AIDS cadastradas em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de HIV/AIDS e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) de um município da Bahia.

Os participantes foram selecionados por meio de buscas nos prontuários e em abordagens na sala de espera para consultas, obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: possuir 60 anos ou mais, possuir o diagnóstico de HIV/AIDS, estar cadastrado e frequentar o serviço regularmente.

A coleta dos dados se deu no período de maio a novembro de 2019 e foram utilizados os dados do prontuário clínico e uma entrevista semiestruturada com questões norteadoras, elaboradas pelos pesquisadores.

Para análise dos dados obtidos por meio das entrevistas recorreu-se a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009) com o auxílio do software Iramuteq.

De acordo com Bardin (2009) a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise que busca, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, os indicativos que permitem inferir os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Este processo ocorre através das etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados.

O IRAMUTEQ é um *software* gratuito, que trabalha a partir da lógica estatística do *software* R com linguagem *python*. Este programa permite que sejam realizadas análises de dados textuais com cálculo de frequência das palavras e análises multivariadas (CAMARGO;

JUSTO, 2013).

O *software* possibilita ainda a organização dos dados em representações gráficas, que constituem ferramentas interessantes para a compreensão de maneira mais visual (CAMARGO; JUSTO, 2013). Com destaque para a nuvem de palavras e a Análise Fatorial por Correspondência (AFC), que foram utilizadas no presente estudo.

A nuvem de palavras permite a organização das palavras em consonância com a frequência de evocações. Já na AFC é possível retratar graficamente em um plano gráfico as relações entre as classes segundo a localização que ocupam neste plano. Há um “cruzamento entre o vocabulário (considerando a frequência de incidência de palavras) e as classes, gerando uma representação gráfica em plano cartesiano, na qual são vistas as oposições entre classes ou formas” (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p.75).

Quanto aos aspectos éticos, todos os princípios estabelecidos para pesquisas com seres humanos foram respeitados. O projeto matriz foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) da Bahia sob o Parecer de nº 3394696.

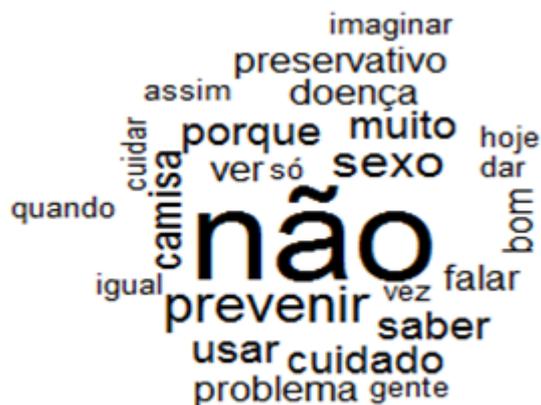
Resultados

Ao analisar os dados sociodemográfico das 18 pessoas idosas participantes deste estudo evidenciou-se uma maioria (13) do sexo masculino (, para (05) pessoas do sexo feminino. Em relação a idade, n=12 participantes se encontravam na faixa etária de 60 a 69 anos de idade e n=06 se encontravam com idade entre 70 a 79 anos. Quanto a escolaridade, n=07 possuíam primeiro grau completo, n=03 primeiro grau incompleto, n=03 foram alfabetizados e n=05 possuíam segundo grau completo. Em relação ao tempo de diagnóstico, n=11 vivenciam o diagnóstico de HIV/AIDS há mais de dez anos e n=07 convivem entre três e dez anos. Referente a situação conjugal a maioria (n=10) relatou ausência de companheiro.

Ao serem questionados pelos pesquisadores sobre quais as orientações pertinentes de divulgação para idosos com vida sexual ativa sem o diagnóstico de HIV/AIDS, os participantes da pesquisa, pessoas idosas que convivem com o vírus, revelaram um discurso bastante homogêneo que se baseia principalmente, na prevenção e no cuidado.

Conforme pode ser observado na Figura 1, a nuvem de palavras demonstra as palavras que obtiveram maior frequência entre os participantes, e destaca visão dos idosos quanto a importância da informação preventiva acerca do HIV entre as demais pessoas desta faixa etária.

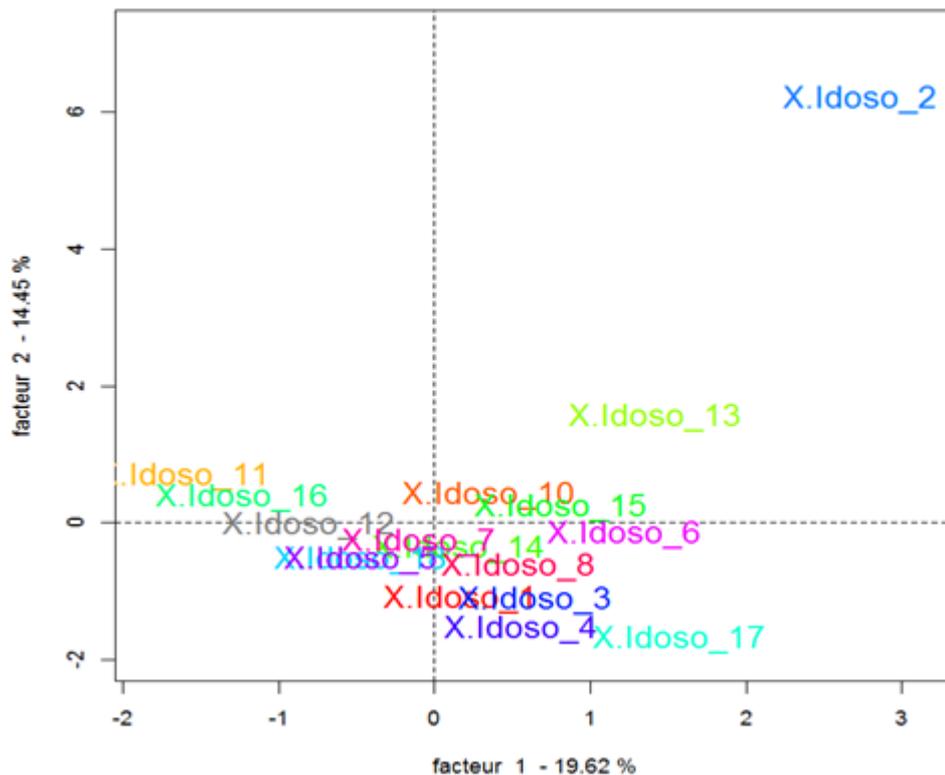
Figura 1: Nuvem de palavras: Orientações de pessoas idosas que convivem com HIV/AIDS. Via IRAMUTEQ. 2021



Fonte: dados da pesquisa. Elaboração das autoras

A partir da AFC elaborada no *software* IRAMUTEQ e apresentada na Figura 2, é possível observar que os participantes possuem falas muito próximas.

Figura 2: Análise Fatorial por Correspondência (AFC). Orientações de pessoas idosas que convivem com HIV/AIDS. Via IRAMUTEQ. 2021



Fonte: dados da pesquisa. Elaboração das autoras

Por meio deste recurso gráfico nota-se que as recomendações dos idosos ocupam quadrantes semelhantes no plano cartesiano, e este modo de organização permite inferir que as palavras evocadas por eles possuem relação entre si. Considerando a proposta de aproximação e distanciamento da AFC entre o discurso dos participantes verifica-se que apenas o 'Idoso 2' demonstra algum afastamento das ideias centrais verbalizadas pelos demais idosos.

Discussão

Os dados deste estudo corroboram com os números destacados no último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (2019), em que evidenciam uma maior contaminação pelo HIV nos homens do que em mulheres, as notificações de casos de infecção pelo HIV/AIDS no país existentes entre os anos de 2007 e 2019, demonstraram que 69% das notificações foram casos de HIV em homens, e 31% casos em mulheres,

representando uma proporção de 26 homens infectados para cada dez mulheres.

Em relação à faixa etária, é fundamental destacar a necessidade de discutir o HIV na população idosa. A concepção de assexualidade da pessoa idosa além de reforçar os preconceitos, deixa de favorecer um ambiente informativo e de quebra de cadeia da transmissão, através de orientações sobre uso de preservativos, comportamentos de risco, ou mesmo de sinais e sintomas do HIV ou outras doenças sexualmente transmissíveis (ARAÚJO et al., 2017; SOUZA et al., 2019; PIMENTEL et al., 2017).

Outro dado relevante, diz respeito ao baixo nível de escolaridade dos participantes de estudo, o que pode representar um indicador de grande influência considerando que baixos níveis educacionais podem dificultar a compreensão da transmissão do HIV ou mesmo a adesão ao tratamento. Estudos neste âmbito vêm confirmando esta relação e demonstram que quanto menor for o grau de escolaridade dos idosos, também será mais escasso o acesso às informações, e com isto estarão mais vulneráveis ao HIV (SOUZA et al., 2019; QUADROS et al., 2016).

Segundo Eclea Bosi (1998), recordar-se de algo estabelece um processo relacionado com uma experiência vivida ou referenciada. Isto é, “a narrativa da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar” (BOSI, 1998, p.68).

Considerando os dados analisados, é possível notar que os participantes partem de um lugar comum, da sua experiência pessoal e das próprias circunstâncias em que se deram a contaminação e o diagnóstico do HIV, para elaborarem as suas orientações e recomendações questionadas no objetivo do estudo. Esta característica ganha evidência pela alta frequência da palavra “não” demonstrada na figura 1 e nas falas abaixo:

“Eu acho muito importante a pessoa não ter... a pessoa ter que ser esperta né? Eu fui muito boba, até hoje eu sou meio assim” (Idoso 12).

“Prevenção, prevenir e não fazer o que eu fiz. Faça o que eu aprendi com o dentista aqui, sexo seguro. Porque às vezes não é da gente, às vezes a contaminação vem de outras pessoas. Então, o sexo seguro. É tanto quando eu vou no serviço pegar minha medicação, que dona Lírio esquece do preservativo, eu falo, meu preservativo” (Idoso 3).

Os recortes apontados nas falas dos participantes demonstram que existe um conhecimento em torno da transmissão do vírus e da necessidade de prevenir através do sexo seguro, informações que só foram adquiridas a partir do seu diagnóstico positivo para a doença. Os estudos de Okuno et al. (2012) e Okuno et al. (2015) revelaram achados semelhantes ao pesquisarem entre pessoas com idade igual ou superior a 50 anos, de ambos os sexos e com diagnóstico de HIV, o conhecimento em torno dessa temática.

Os autores acreditam que o conhecimento e o posicionamento mais favoráveis em relação à sexualidade do idoso identificada entre os participantes se deve ao acesso aos serviços de saúde e conseqüentemente, a maiores explicações e informações sobre meios de transmissão e prevenção. Assim como no discurso dos idosos da presente pesquisa transparece a ideia de que tais saberes não eram considerados, e por esta razão assumiram comportamentos de risco que levaram a contaminação pelo vírus.

Ainda em torno desta questão da prevenção, é fundamental destacarmos que existe uma ideia equivocada sobre a sexualidade das pessoas idosas, e que as conseqüências da reprodução desse pensamento são negativas para a saúde e para a qualidade de vida dos indivíduos desta faixa etária.

A concepção da velhice como uma fase de fragilidades, adoecimentos e dependência é largamente difundida no imaginário social. É sabido que fisiologicamente as células e tecidos do organismo passam por desgastes com o passar do tempo, e algumas teorias buscam explicar o processo de envelhecimento e fragilidades que tendem a ocorrer ao longo dos anos (PAPALÉO NETO, 2013). Contudo, o que constitui um posicionamento muito perigoso é a tendência em reduzir a vida da pessoa idosa ao adoecimento, à fragilidade e à dependência, desconsiderando a promoção da saúde e da qualidade de vida, inclusive da sua sexualidade.

O pensamento inadequado que reproduz uma representação da pessoa idosa como assexuada condiciona ao idoso um lugar de vulnerabilidade, seja por um diagnóstico tardio ou até mesmo pela privação de informações e ações de promoção e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) como o HIV, por desconsiderarem a vida sexual ativa desta população (AGUIAR et al., 2020). Inclusive as ações do Programa Nacional de DST e Aids (PN -DST/AIDS) só começaram a incluir a população idosa no

grupo prioritário recentemente, a partir de 2008 (BRASIL, 2010).

No trabalho de Alencar e Ciosak (2016) os autores verificaram que no atendimento aos idosos do serviço primário não existia uma rotina de solicitação para testagem do HIV. Comumente nas condutas dos profissionais era desvalorizada essa possibilidade mesmo quando a busca pelo serviço se dava com a apresentação de sinais e sintomas sugestivos de infecções oportunistas.

Aguiar et al. (2020a) apontam para o crescimento do número de casos de HIV entre a população idosa, e debatem com base em outros estudos, como estes indivíduos da faixa etária idosa detêm menos conhecimento acerca da contaminação do HIV, mas estão apresentando comportamentos de risco como os encontrados entre a população mais jovem.

Novamente a discussão recai na importância de romper com pensamento preconceituoso da velhice assexuada, e intensificar a promoção da saúde e qualidade de vida através de medidas de educação em saúde e prevenção de IST e do próprio HIV entre as pessoas idosas.

Apesar de verificada nesta pesquisa em menor grau, a reprodução de tais preconceitos ocorre inclusive entre os idosos, como podemos verificar na seguinte fala:

“Mas é claro que é uma vida boa. Bom, para eles né? Que gosta de sexo, não tem nenhuma preocupação, sabe o que eu falaria? Parar com esse negócio de sexo. Idoso sem vergonha, para que fazer essa porcaria? É descarração, falta de respeito, para que isso?”
(Idoso 1).

O discurso revelado pela fala deste idoso demonstra como a anulação da sexualidade do idoso é um movimento enraizado. Além disso, nota-se que a sexualidade tende a ser reduzida ao ato sexual (PINTO et al., 2019; FALLER et al., 2015). De acordo com Soares e Meneghel (2021, p.130) a sexualidade perpassa por um conceito amplo, “uma construção social dos usos do corpo e em particular, mas não exclusivamente, dos órgãos genitais, buscando obter prazer físico e mental”.

Apesar de constituir um aspecto intrínseco, presente em todas as fases de vida do ser

humano, de maneira geral, a sociedade considera o processo de envelhecimento, e as mudanças físicas que ocorrem no corpo como fatores impeditivos para que os idosos vivenciem sua sexualidade. Esta visão culturalmente limitadora só reforça a percepção de que a sexualidade na velhice possui um caráter proibitivo e de desconhecimento (PINTO et al., 2019). Na verdade, com o envelhecimento uma nova etapa da sexualidade tem início, e por isso podem existir adaptações e novas vivências que possibilitem ao casal a intimidade, a cumplicidade e a realização pessoal (PINTO et al., 2019; ARAÚJO, 2016).

Conforme pode ser notado na Figura 2, os participantes da pesquisa reconhecem que a prevenção, conferida pelo uso do preservativo, é a principal orientação para os outros idosos que não possuem este diagnóstico, como podemos observar nas seguintes falas:

“Para usar camisinha, ter cuidado, não ter relação sem camisinha e se encontrar alguém com HIV, receber de braços abertos e não ter problema. Só porque tem a doença, vai botar no escanteio? Não”. (Idoso 11).

“Que previna, se cuide. Se ele não tem, vai se cuidar, use preservativo, camisinha para poder se prevenir, nem só pelo HIV, mas tem mais outras doenças, tem mais coisas”. (Idoso 14).

“Para ter cuidado para não pegar esse problema, quando fazer sexo, fazer com camisinha”. (Idoso 15).

“Se nunca usou preservativo, mesmo sem ter a doença, é bom que use. Porque não aconteça...” (Idoso 16).

Que se previne. Às vezes a gente descuida né? Sempre prevenir. (Idoso 18).

Proteção né? Não é só o idoso não. (Idoso 10).

Na pesquisa desenvolvida por Bastos et al., (2018) com o objetivo de avaliar o conhecimento de idosos do município de Sobral no estado do Ceará, acerca da sífilis e HIV antes e após a realização de ações educativas, os resultados evidenciaram que a maioria dos idosos possuía conhecimentos acerca do HIV/AIDS. 61,8% dos idosos afirmaram conhecer os meios de prevenção do HIV/AIDS. Antes da ação educativa 90,24% dos

idosos apontaram a camisinha como meio de prevenção e 60,97% o uso de vacinas. Ao fim da intervenção educativa 100% indicaram apenas o uso de preservativo como meio de prevenção.

Segundo Cerqueira e Rodrigues (2016), o debate sobre a prevenção de IST e HIV/AIDS entre os idosos precisa partir do conceito de vulnerabilidade condicionada ao idoso pela invisibilidade sexual, já mencionada, mas também pela resistência na utilização do preservativo que vem sendo construída e reproduzida pela sociedade.

Os autores discorrem sobre a existência de uma simbologia de maior significado para os idosos quanto ao uso de preservativo, e que esta construção sofre interferência de questões culturais da sua época e até mesmo das questões de gênero e poder das mulheres.

Camargo et al. (2009) também consideraram tais fatores na análise dos resultados de sua pesquisa ao buscarem caracterizar as práticas sexuais e atitudes em relação a prevenção do HIV. Os participantes, pessoas com idade igual ou superior a 50 anos afirmaram possuir conhecimentos acerca da transmissão e prevenção do HIV, porém mantinham comportamentos de risco, nomeadamente, não uso de preservativos, por acreditarem que este risco é apenas dos jovens, já que vivenciam o matrimônio (ou um relacionamento estável) que lhes proporciona uma relação protegida. Para os autores, este pensamento demonstra a influência de questões culturais e religiosas das suas gerações.

Diversas pesquisas vêm alertando para esta concepção equivocada, ao mesmo tempo em que desvelam a dificuldade de introdução da temática e negociação do uso do preservativo com os parceiros de relações mais duradouras (ANDRADE et al., 2017; LEITE et al., 2019). O imaginário de que esta conduta estaria colocando em prova a fidelidade do outro é uma das principais justificativas apontadas, além disso, ainda persiste no senso comum a ideia de que o preservativo é apenas um método contraceptivo, e, portanto, passado o período reprodutivo o seu uso pode ser desconsiderado (LAROQUE et al., 2011).

Na contramão desta via, esbarramos com pessoas idosas vivendo cada vez mais anos, com uma vida sexual ativa ou buscando por alternativas que lhes permitam vivenciar sua sexualidade da maneira que desejam, seja por meio de drogas potencializadoras do

desempenho sexual, uso de hormônios e outras alternativas como a prótese para corrigir disfunção erétil (MASCHIO et al., 2011).

Conclusões

Conclui-se que as orientações que a pessoa idosa que convive com HIV/AIDS julga importante compartilhar com os que possuem vida sexual ativa e não possuem diagnóstico de HIV/AIDS, estão diretamente relacionadas a prevenção e sexo seguro por meio de orientações e uso do preservativo.

Observa-se que estas orientações preveem também comportamentos restritivos do exercício da sexualidade nesta faixa etária e são baseadas em conceitos culturalmente enraizados sobre a assexualidade ou restrição da atividade sexual da pessoa idosa.

Ouvir essas pessoas idosas que convivem com a doença sobre orientações a partir de suas percepções, é sem dúvida oportunizar e dar voz a quem convive com doença de apresentar fatores que podem ter contribuído ou estavam ausentes em suas ações e comportamentos favorecendo o seu contágio.

Referências

AGUIAR, Rosaline Bezerra et al. Idosos vivendo com HIV—comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 575-584, 2020.

AGUIAR, Rosaline Bezerra; LEAL, Márcia Carréra Campos; MARQUES, Ana Paula de Oliveira. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2051-2062, 2020a.

ALVES, Marcos Aurélio; VENTURI, Alexandra Fernandes Azevedo; NETO, Joaquim MF Antunes. A PESSOA IDOSA E HIV/AIDS: DESCOBERTA, PERCEPÇÕES E ENFRENTAMENTO. **Interciência & Sociedade**, v. 5, n. 1, 2020.

ANDRADE, Juliane et al. Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 1, p. 8-15, 2017.

ARAÚJO, B. J. et al. Quality of life and sexuality in the population of the third age of a center of convivence. **REVISA**, v. 6, n. 2, p. 85-94, 2017.

ARAÚJO, Ana Cláudia Fernandes. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 29, p. 34-41, 2016.

BASTOS, Luzia Mesquita et al. Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2495-2502, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento**. Brasília: MS; 2010. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_pessoa_idosa_envelhecimento_v12.pdf

_____. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS-2019**. Brasília, DF: 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso

CAMARGO, Brígido Vizeu; TORRES, Tatiana de Lucena; BIASUS, Felipe. Práticas sexuais, conhecimento sobre hiv/aids e atitudes a respeito da relação amorosa e prevenção entre adultos com mais de 50 anos do sul do Brasil. **Liberabit**, Lima, v. 15, n. 2, p. 171-180, jul. 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272009000200011

CASSÉTTE, J. B.; SILVA, L. C.; FELÍCIO, E. E. A. A.; SOARES, L. A.; MORAIS, R. A.; PRADO, T. S.; GUIMARÃES, D. A. HIV/AIDS em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 733-744, 2016.

CERQUEIRA, Marília Borborema Rodrigues; RODRIGUES, Roberto Nascimento. Fatores associados à vulnerabilidade de idosos vivendo com HIV/AIDS em Belo Horizonte (MG), Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 3331-3338, 2016.

DANTAS, Romualdo de Oliveira et al. Conhecimento e uso do preservativo por idosos na prevenção do HIV/Aids: Nota Prévia. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 88, n. 26,

2019.

FALLER, Jossiana Wilke; TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Sonia Silva. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 128-137, 2015.

LAROQUE, Mariana Fonseca et al. Sexuality of the elderly: behavior for the prevention of STD/AIDS. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 32, n. 4, p. 774-780, 2011.

LEITE, Marinês Tambara; MOURA, Cristiano de; BERLEZI, Evelise Moraes. Doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS na opinião de idosos que participam de grupos de terceira idade. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 339-354, Dec. 2007.

MASCHIO, Manoela Busato Mottin et al. Sexualidad en la tercera edad: medidas de prevención de enfermedades de transmisión sexual y SIDA. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 3, p. 583-589, 2011.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, 2006, p. 72-88.

OKUNO, Meiry Fernanda Pinto et al. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em idosos portadores de HIV/AIDS. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. spe1, p. 115-121, 2012.

OKUNO, Meiry Fernanda Pinto et al. Calidad de vida, perfil socioeconómico, conocimiento y actitud sobre sexualidad de " personas que viven" con el Virus de la Inmunodeficiencia Humana. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 192-199, 2015.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. Freitas, Elizabete Viana de e Py, Ligia. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

PIMENTEL, Clécia Pinheiro; SILVA, Wedja Maria da; SILVA, Maylanne Stephanie Gomes da. **Hiv Na Terceira Idade: A Vulnerabilidade Do Idoso Frente Ao Vírus Da Imunodeficiência Humana**. Anais V CIEH, 2017.

PINTO, Monique Xavier Romano et al. Sexualidade e envelhecimento: a percepção de idosos participantes de grupo de convivência. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 1, p. 43-49,

2019.

QUADROS, Karla Nogueira et al. Perfil epidemiológico de idosos portadores de HIV/AIDS atendidos no serviço de assistência especializada. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 6, n. 2, 2016.

SOARES, Konrad Gutterres; MENEGHEL, Stela Nazareth. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 129-136, 2021.

SOUZA, Itamara Barbosa et al. Perfil sociodemográfico de idosos com vírus da imunodeficiência humana em um estado do nordeste brasileiro. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, v. 22, n. 4, p. e190016, 2019.

TRINDADE, Felipe Ferraz et al. Perfil epidemiológico e análise de Tendência de HIV/AIDS/ Epidemiological profile and trend analysis of HIV/AIDS/Perfil epidemiológico y análisis de tendencia del HIV/SIDA. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 1, p. 153-165, 2019.